

L.J. SMITH

DIÁRIOS do VAMPIRO

O Confronto

Tradução
Ryta Vinagre



RIO DE JANEIRO | 2009

1

— **D**amon!
O vento gelado vergastava o cabelo no rosto de Elena, investindo contra seu leve suéter. Folhas de carvalho giravam entre as filas de lápides de granito e as árvores chacoalhavam os galhos num frenesi. As mãos de Elena estavam geladas, os lábios e bochechas completamente entorpecidos, mas ela continuou ali de pé, gritando, berrando ao vento.

— *Damon!*

Este clima era uma mostra do seu Poder, e a intenção era afugentá-la. Não deu certo. A ideia de que o mesmo Poder se voltaria contra Stefan despertou uma fúria quente dentro de Elena, queimando contra o vento. Se Damon fizesse algo contra Stefan, se Damon o ferisse...

— Mas que droga, responda! — gritou ela para os carvalhos que margeavam o cemitério.

Uma folha morta de carvalho, feito uma garra castanho-esbranquiçada, deslizou até seus pés, mas não houve resposta. No alto, o céu era cinza como vidro, cinza como as lápides que a cercavam. Elena sentiu a raiva e a frustração acomodando-se em sua garganta e cedeu. Ela se enganara. Damon não estava ali, afinal; ela estava sozinha com o vento uivante.

Elena se virou — e engasgou.

Ele estava bem atrás dela, tão perto que as roupas de Elena roçaram nele quando ela se virou. A essa distância, ela devia ter sentido outro ser humano parado ali, sentido o calor do corpo dele ou tê-lo ouvido. Mas Damon, evidentemente, não era humano.

Ela recuou alguns passos antes de conseguir parar. Cada instinto que permanecera quieto enquanto ela gritava para a fúria do vento agora latejava em seu corpo.

Elena cerrou os punhos.

— Onde está Stefan?

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas escuras de Damon.

— Que Stefan?

Elena avançou um passo e deu um tapa nele.

Fez isso sem pensar e depois mal conseguiu acreditar no que fizera. Mas foi um belo tabefe, no qual ela empregou toda a sua força, e atingiu uma das faces de Damon. Sua mão ardeu. Ela se manteve firme, tentando acalmar a respiração, e o observou.

Ele estava vestido como na primeira vez em que Elena o vira, de preto. Botas pretas e macias, jeans, suéter e jaqueta

de couro, tudo preto. Ele era parecido com Stefan. Ela ficou surpresa de não ter percebido isso antes. Tinha o mesmo cabelo escuro, a mesma pele clara, a mesma beleza perturbadora. Mas o cabelo de Damon era liso, não ondulado, os olhos eram negros como a meia-noite e o sorriso era cruel.

Ele virou a cabeça lentamente para olhá-la e Elena viu o sangue subindo na face que havia estapeado.

— Não minta para mim — disse ela, a voz trêmula. — Eu sei quem você é. Sei *o que* você é. Você matou o Sr. Tanner ontem à noite. E agora Stefan desapareceu.

— Desapareceu, é?

— Você sabe que sim!

Damon sorriu e virou o rosto imediatamente.

— Estou avisando; se você o machucou...

— O quê, então? — perguntou. — O que vai fazer, Elena? O que *você* pode fazer contra *mim*?

Elena se calou. Pela primeira vez, percebeu que o vento havia cessado. O dia tornara-se silencioso em volta deles, como se estivessem imóveis, no meio de algum grande círculo de poder. Parecia que tudo, o céu de chumbo, os carvalhos e as faias roxas, o próprio chão, estavam conectados a ele, como se ele extraísse Poder de tudo isso. Ele ficou parado com a cabeça um pouco inclinada para trás, os olhos insondáveis e cheios de luzes estranhas.

— Não sei — sussurrou ela —, mas vou dar um jeito. Pode acreditar.

De repente ele riu e o coração de Elena sofreu um solavanco, dando início a uma série de fortes marteladas. Meu Deus,

ele era lindo. Bonito era um adjetivo fraco e pálido demais. Como sempre, o riso durou apenas um instante, mas deixou vestígios em seus olhos mesmo quando os lábios voltaram a ficar sóbrios.

— Acredito plenamente em você — disse ele, relaxando, observando o cemitério. Depois se virou e estendeu a mão para ela. — Você é boa demais para o meu irmão — disse ele despreocupadamente.

Elena pensou em bater na mão para afastá-la, mas não queria tocar nele de novo.

— Diga onde ele está.

— Talvez mais tarde... Mas há um preço. — Ele retirou a mão, justo quando Elena percebia que nela havia um anel igual ao de prata e lápis-lazúli de Stefan. Lembre-se disso, pensou ela com veemência. É importante.

— Meu irmão — prosseguiu Damon — é um tolo. Para ele, como você é parecida com Katherine, deve ser fraca e se deixar levar facilmente, assim como ela. Mas ele está enganado. Posso sentir sua raiva do outro lado da cidade. Posso senti-la agora, uma luz intensa como o sol do deserto. Você tem força, Elena, mesmo sendo como é. Mas pode ser muito mais forte...

Ela o fitou, sem compreender, sem gostar da mudança de assunto.

— Não sei do que está falando. E o que isso tem a ver com Stefan?

— Estou falando de Poder, Elena. — De repente, ele se aproximou de Elena, os olhos fixos nos dela, a voz suave e urgente.

— Você tentou de tudo e nada a satisfaz. É uma garota que tem

tudo, mas sempre existe algo fora de seu alcance, algo de que precisa desesperadamente e não tem. É justamente o que estou oferecendo a você. Poder. Vida eterna. E sensações que nunca teve na vida.

Ela então *entendeu* e a bile subiu por sua garganta. Ficou sufocada de pavor e repúdio.

— Não.

— E por que não? — sussurrou ele. — Por que não experimentar, Elena? Seja franca. Não há uma parte de você que quer isso? — Os olhos escuros de Damon estavam tomados por um calor e uma intensidade que a mantinham petrificada, incapaz de desviar o olhar. — Posso despertar coisas que estiveram adormecidas aí dentro por toda sua vida. Você é forte o bastante para viver nas trevas, e de forma esplendorosa. Pode se tornar uma rainha das sombras. Por que não aceitar o Poder, Elena? Deixe-me ajudá-la a tê-lo.

— *Não* — disse ela, se forçando a desviar os olhos dos dele. Não ia encará-lo, não deixaria que ele fizesse aquilo. Não se permitiria esquecer... Esquecer...

— Este é o segredo definitivo, Elena — disse Damon. A voz dele era tão suave quanto as pontas dos dedos que tocavam o pescoço dela. — Você será feliz como nunca na vida.

Ela precisava se lembrar de algo terrivelmente importante. Ele estava usando o Poder para fazê-la esquecer, mas Elena não permitiria isso...

— E vamos ficar juntos, você e eu. — As pontas daqueles dedos frios afagaram a lateral do pescoço de Elena, descendo pela gola do suéter. — Só nós dois, para sempre.

Houve uma pontada súbita de dor quando os dedos dele roçaram as duas feridas minúsculas no pescoço de Elena, e a mente dela clareou.

Fizesse esquecer... *Stefan*.

Era isso que ele queria arrancar da mente dela. A lembrança de Stefan, de seus olhos verdes e daquele sorriso por trás do qual sempre havia uma tristeza oculta. Mas agora nada podia obrigá-la a tirar Stefan de seus pensamentos, não depois do que eles compartilharam. Ela se afastou de Damon, afugentando aqueles dedos frios. E então o encarou.

— Já encontrei o que eu quero — disse ela, ríspidamente.
— E com quem quero ficar para sempre.

A escuridão brotou nos olhos dele, uma fúria gélida que varreu o ar entre os dois. Enquanto fitava os olhos de Damon, Elena pensou numa cobra prestes a dar o bote.

— Não seja idiota como meu irmão — disse ele. — Ou terei de tratá-la da mesma maneira.

Agora ela estava com medo. Não pôde evitar, não com o frio que se derramava sobre ela e gelava seus ossos. O vento havia aumentado, os galhos se debatiam.

— Diga onde ele está, Damon.

— Neste momento? Não sei. Não pode parar de pensar nele nem por um instante?

— Não! — Ela estremeceu, o cabelo chicoteava seu rosto novamente.

— E esta é sua última resposta de hoje? Pense se realmente quer fazer este jogo comigo, Elena. As consequências não são nada divertidas.

— Tenho *certeza* disso. — Ela precisava impedi-lo antes que ele a dominasse novamente. — E você não pode me intimidar, Damon. Ou ainda não percebeu isso? No momento em que Stefan me disse o que vocês eram, o que faziam, você perdeu todo o poder que poderia ter sobre mim. Eu *odeio* você. Sinto verdadeiro nojo. E não há nada que possa fazer a mim, nada.

O rosto de Damon se alterou, retorcendo-se e paralisando sem nenhuma sensualidade, tornando-se cruel e severo de tão amargurado. Ele deu uma risada breve.

— Nada? — disse ele. — Posso fazer *qualquer coisa* com você e com aqueles que mais ama. Você não faz ideia, Elena, do que sou capaz de fazer. Mas vai aprender.

Ele recuou e o vento cortou Elena como uma faca. A visão dela parecia estar se toldando; era como se raios luminosos preenchessem o ar diante de seus olhos.

— O inverno está chegando, Elena — disse ele, com um tom de voz claro e arrepiante mesmo sob o uivo do vento. — Uma estação implacável. Antes que ele venha, terá de aprender o que posso e não posso fazer. Antes que o inverno esteja aqui, terá se unido a mim. Você será minha.

Aquela brancura retorcida a cegava e ela não conseguia mais enxergar o volume escuro da figura de Damon. Agora até a voz dele esmorecia. Ela envolveu o próprio corpo, de cabeça baixa, tremendo. Então: sussurrou “Stefan...”

— Ah, e mais uma coisa — a voz de Damon voltou. — Você perguntou por meu irmão. Não se incomode em procurar por ele, Elena. Eu o matei ontem à noite.

A cabeça de Elena se ergueu de repente, mas não havia nada para ver, só aquela brancura vertiginosa, que queimava em seu nariz e no rosto e se acumulava sobre os cílios. Foi somente neste momento, enquanto finos grãos se acomodavam em sua pele, que ela percebeu o que eram: flocos de neve.

Estava nevando no início de novembro. No horizonte, o sol se fora.